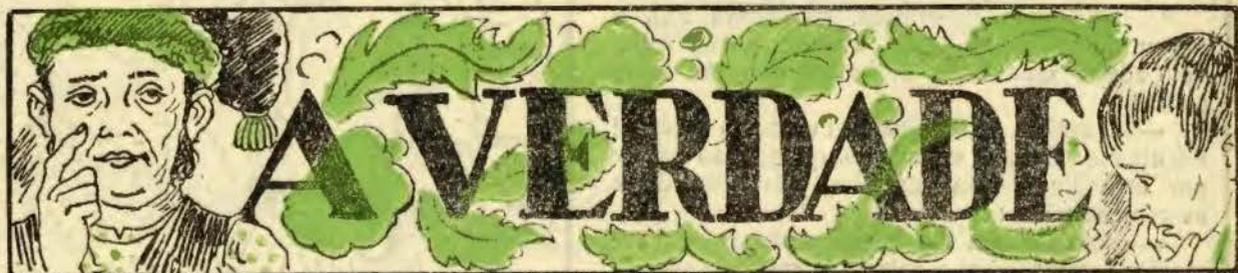


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por MANUEL JOAQUIM VALVENTOS — Série B

PEDRO, — (disse um lavrador a seu filho) — já são horas de ires buscar o gado ao pasto.

Ora Pedro estava a jogar á bola e o pasto ficava longe; mas, habituado a obedecer, partiu a correr, sem dizer palavra.

Com a pressa de chegar ainda a tempo de poder ir jogar mais um bocado, só abriu metade da cancela que vedava o campo onde os animais pastavam, e obrigou-os a sair precipitadamente, resultando daí que uma magnífica vaca, tentando saltar aquele obstáculo, caiu e partiu uma perna. Pedro ficou a olhar para o pobre animalejo e disse lá consigo:

— Que hei de contar-lhe, agora? Era a vaca melhor que meu pai tinha! Vai ser obrigado a mandá-la matar! Eu nem sei como hei de contar-lhe todo o caso, pois o prejuizo que êle vai sofrer é grande.

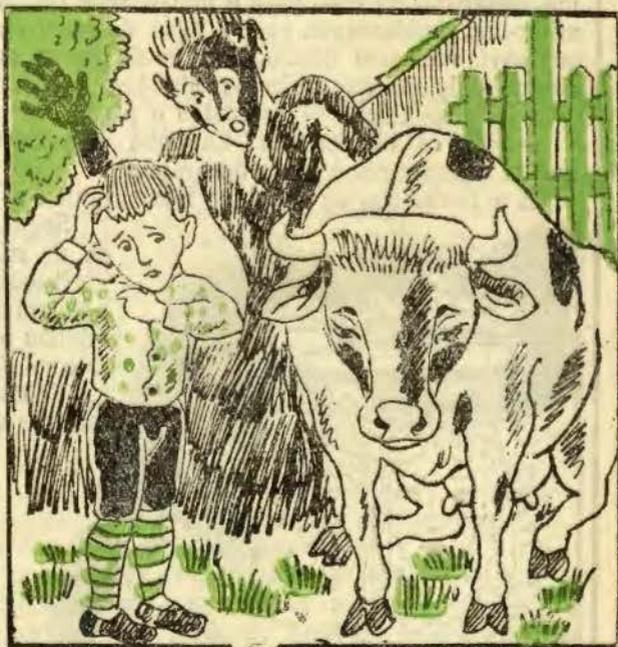
— Dize-lhe, — (segredou, então, o Tentador, o mesmo que nos insinua magnas idéas) — que achaste a cancela entreaberta e, junto, a vaca estirada.

— Não, isso não digo; — (respondeu Pedro) — isso seria mentir!

— Dize-lhe — (tornou o Tentador) — que, ao tempo em que punhas as vacas para fóra, um rapaz, maior do que tu, atirou com uma pedra áquela, fazendo com que ela deitasse a correr e caísse.

— Não, não! — (persistiu Pedro) — nunca menti na minha vida, e não há-de ser esta a primeira vez que o faça. Vou dizer a verdade a meu pai: — Fui eu o culpado! Como estava com pressa, afugentei o gado, e daí proveio a desgraça ocasionada.

Depois de haver tomado esta justa e heróica resolução, deitou a correr para casa, como se tivesse medo de que o Tentador o apanhasse, e foi logo ter com o pai, contando-lhe toda a verdade.



Ouvindo-o, que fez êste? Pôs as mãos sobre a cabeça de Pedro e disse:

— Meu filho, eu antes queria perder todas as minhas vacas do que ter um filho que me mentisse!

Então, o rapazinho, posto que pesaroso pelo mal que tinha feito, sentiu-se mais feliz do que se houvesse alterado a verdade dos factos, ainda mesmo que essa verdade nunca viesse a descobrir-se.

■ F I M ■

A PRINCEZINHA MITRO

Por FELIX COSTA VENTURA (Série B)



O palácio reinava um profundo silêncio. Pelos corredores cruzavam-se médicos, págens, etc.

A linda princezinha Mirto estava a morrer. Tinham sido chamados todos os físicos, todos os feiticeiros e nenhum sabia que mal era aquele. Pela

estrada, caminhava Rui, o

págem do rei, muito triste, quando, à sua volta, veio ajeitar uma linda borboleta que lhe falou assim:

— «O mal da princezinha sei eu como o curar! Escuta-me: Andava eu voando, quando, ao passar por uma linda rosa vermelha, ouvi esta dizer às companheiras:

— «Pobre Mirto, tão bonita e tão nova e vai morrer sem ninguém a salvar! O mal dela só acabará quando alguém matar o veado com hastes de ouro, que trás ao pescoço uma medalha milagrosa. Quem lha puzer ao peito, far-lhe-há todo o mal desaparecer; mas, para o matar, será preciso atirar-lhe, rapidamente, com a água de luar. Mal isto ouvi, voei sem descanso, a fim de ver se encontrava alguém que quizesse salvá-la».

— «Salvá-la-hei!» — respondeu o págem.

— «Tu és valente; vai! Caminha para o sul que lá encontrarás a fonte de prata».

E a borboleta, ao dizer-lhe isto, levantou vôo.

Seguindo as suas indicações, o págem caminhou para o sul. Ao fim de muitos dias de



jornada, chegou a um jardim maravilhoso. Desde a mais singela flôr à rosa mais formosa, tudo era branco. As árvores tinham um aspecto deslumbrante, pois as folhas e flores pareciam flocos de neve pura.

O págem parou admirado; ouvindo um leve murmúrio para lá se dirigiu.

Era a fonte do luar. Rui tirou, então, um frasco do bolso e encheu-o de água, prosseguindo o seu caminho. Já desanimava, por não encontrar o veado, quando, subitamente, o deparou a pastar num prado. Foi-se aproximando, pouco a pouco, até que chegou perto dele. Sem perda de um minuto, sacou do frasco e atirou toda a água ao veado. Este estacou, então, como fulminado. O págem correu para ele e tirou-lhe a medalha.

De volta ao palácio, pôs-se a correr o mais que podia. Quando chegou, a princezinha estava na última. Já não falava. Rui correu, imediatamente, para o quarto dela, onde estava a côrte, toda reunida, assistindo á agonia da linda Mirto. Pegou na medalha e colocou-a no peito dela. Imediatamente esta se levantou, alegre e rosada, ante o pasmo da côrte. Rui pôs, então, todos ao corrente do que se passara.

Dias decorridos, na linda capela do palácio toda cheia de rosas brancas, realisava-se, com extraordinária pompa, o enlace de Rui com a princezinha Mirto.

Com a morte do velho Rei, Rui tomou conta do trôno e hoje vivem todos, felizes e contentes, em companhia do povo que os adora.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

A Avó



(Série B)

P
O
R
Z
É
C
A
N
E
D
O



O VEADO E A RAPOSA

Por Joaquim José da Costa e Simas

da Série A

Que linda a Avó!... E há quem lhe chame feia!
Decerto nunca a viram fazer meia,
De lunetas pousadas nos olhitos,
Que, nesta idade, ainda são bonitos!

Pois feia nunca foi, fiquem sabendo!
Ai, haviam de a ver, quando está lendo,
A perguntar-me, então, quais as vogais
E algumas consoantes que sei mais!

Oh, feia a minha Avó?! Por ter no rosto
Aquelas rugas de que eu tanto gosto
E atraíem mais a minha simpatia;
Pois eu bem sei que as hei de ter um dia.

E' feia só por ter cabelos brancos?!
Se eles até parecem neve em flocos!
Não; não a tornam feia os seus cabelos,
Pois todos nós havemos de, assim, tê-los!

Quantas vezes eu sou p'ra ela ingrato,
Quando, ao passar, chapinho no regato!
Mas eu sei bem que a minha Avó perdôa
Pois para mim é sempre muito boa.

Ai quizerá que a vissem a espreitar,
— (Quando, á tardinha, ela me vai buscar) —
A' janela da escola que é baixinha!
Diríeis vós: — Que boa esta Avózinha!

E, ai, haviam de a ouvir na minha ausência,
Dizer á vizinhança com veemência:
— «Cá o meu neto é esperto, sim senhor!
E vai sair, decerto, um bom doutor,

Não sei como pagar-lhe esta afeição
Que brota do seu velho coração.
Só sei dizer que a amo com ternura,
Que florirei a sua sepultura.

NO tempo em que os animais falavam, ouvi, meninos, o que uma raposa dizia a um veado:

— «Acredita que não entendo o teu medo. Foges à frente dum miserável cachorro! Com um corpo tamanho, deves ter alguma força; uma só marrada dêsses teus paus, matará o mais forte cãzarrão. Que as raposas sejam tímidas, tem desculpa. Não temos força para nos defendermos. Mas um veado não deve fugir dos cães. Isto é claro como água! Ora repara bem neste ditado: «Aquele que é mais valente do que o seu adversário, não deve retirar diante dele. Visto que és mais forte do que os cães, não deves fugir-lhes».

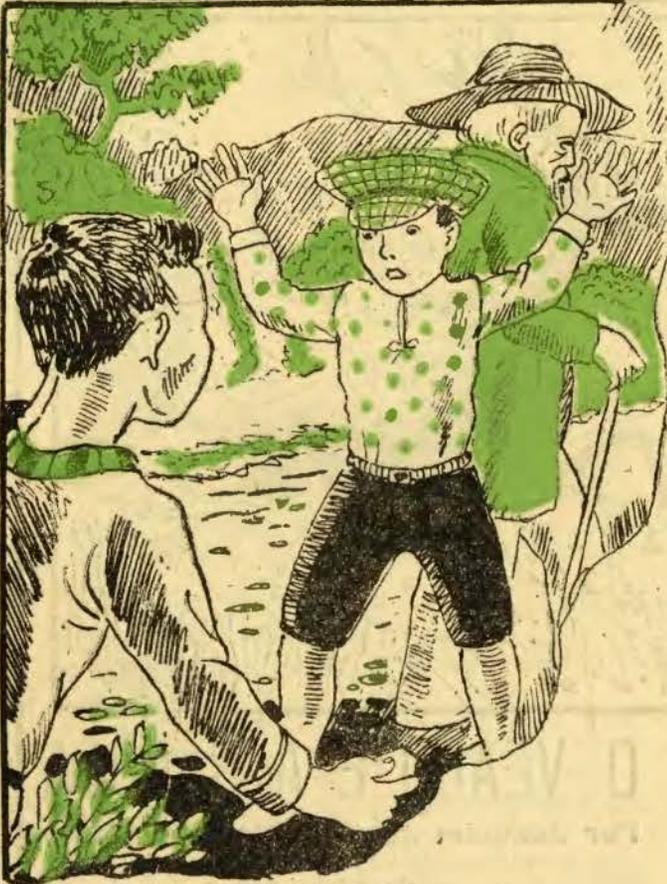
— «Nunca assim reflecti, (diz, então, o veado) mas, d'ora ávante, não me retirarei, venham os cães que vierem. A todos resistirei!

Por acaso, estavam perto um caçador e a sua matilha. Quando ambos ouviram ressoar os latidos dos cães e a corneta do caçador, puzeram-se a fugir com quantas pernas tinham, tanto a raposa mãeira como o veado valentão.

E dizerem que é feia! Que martírio!
Eu acho-a linda como o fresco lírio!
Então, já viram alma mais meiguinha,
Mulher mais linda do que esta avózinha?!

Assim falou do neto o coração.
Que belo sentimento a Gratidão!

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



UM GRAND

Por FERNANDO DE

passêio. Porém, esta amizade, admirava todos quantos conheciam Joanico.

De índole e temperamento inteiramente diferentes, contrastavam singularmente êstes dois pequenos.

Zêzito, possuía um coraçõsito de ouro, todo feito de bondade e amor.

Ele podia lá ver fazer mal a um passarinho ou esmagar uma borboleta, branca e linda, de encontro às páginas de um livro!?

Com que horrôr via fazer tudo isto, sentindo confranger-se de dôr a sua alma bela.

È que pena tinha dos cêguinhos, vivendo a vida numa densa noite, numa eterna noite de desgraça e tristeza. Sentia uma pena enorme, nascer-lhe no seu coraçõzinho, e desfazer-se em lágrimas que embaciavam os seus olhitos azuis, dum azul puro, côr do céu

Joanico, pelo contrário, era mau, e no seu pequenino coração parecia não existir um sentimento bom.

Sentia um prazer enorme em maltratar todos os animais, e — (suprema maldade) — apedrejar vèlhinhos que à aldeia iam pedir esmola, passando dias sem pão e noites tristes de inverno, a tiritar de frio, envolvidos em farrapos, no recanto dum portal.

Batia em todos os rapazes da sua idade mas — (coisa estranha,) — sómente ao seu amigo, jamais erguera um dedo, sequer.

Enchia de desgostos seus pobres pais, que, constantemente, recebiam queixas de maldades suas.

ZEZINHO e Joanico, eram dois amigos inseparáveis.

Contavam ambos nove anos, e nasceram, por assim dizer, quási juntos.

Ninguém via um sem o outro.

Sempre unidos, lá seguiam, ora para a escola, ora a

PREGUNTAS



Pregunta, um dia, ao Zêzinho, mestre doutor Amadeu, Como se chamava o pai dos filhos de Zebedeu.

Não sabendo responder à pergunta de algibeira, Zêzinho queixa-se à mãe, entre grande choradeira.

Então, a mãe do Zêzinho, diz com seu ar conselheiro: — «Olha lá, quem é o pai dos filhos do merceiro?!»

E EXEMPLO

MENEZES (DA SÉRIE C)

A's vezes, nesses momentos, a sua amargurada mamã, abraçando o Zèzinho, exclamava entre lágrimas;

— «Joanico, porque não és tu bom como o teu amiguinho?!» Mas tudo inútil! Joanico continuava sempre mau.

Contudo, o Zèzito, sem saber bem porquê, sentia a ingénua esperança de que o seu amigo viria um dia a ser bondoso. Ele bem sabia que seus papás já o haviam proibido de o acompanhar, por causa dos maus exemplos. Mas êle pedira-lhes tanto e tão triste, que seus pais, comovidos, acederam por fim.

Um dia — (domingo por sinal) — foram passear ao campo, e seguiam por uma bonita estrada, semelhante a uma enorme e linda facha branca, que se perdia, ao longe, na curva do caminho, separando duas searas, cobertas de flôres e passarinhos.

O sol, quási a esconder-se, espalhava ainda luz, fazendo luzir as espigas de oiro, nas searas.

Havia um mar doirado, levemente agitado por ligeira brisa. Naquela tarde, Joanico ainda não praticára maldade alguma. Iam já de regresso a casa, quando passou por êles um velhinho trôpego, quási cego, caminhando a custo.

De repente, Joanico apanha umas pedras na margem da estrada, e, recuando, às gargalhadas, em que o seu corpito tremia nervosamente, fez o gesto de atirar a primeira sôbre o pobre velho.

Então, Zèzito, horrorizado, soltando um grito, impede



a vil acção. Pede-lhe muito, implora-lhe quási a chorar, que não faça isso, que é uma maldade, uma grande maldade imperdoável; porém não conseguiu de-

(Continua na pag. 7)

DE ALGIBEIRA IIIII



Ouvindo a resposta, a mãe, vendo que êle percebeu, diz lá consigo: — «Já sabe que o pai era Zebedeu!»

Ao outro dia, na escola, diz Zèzinho ao Amadeu: — «Eu já sei quem era o pai dos filhos de Zebedeu.»

Pregunta o mestre: — «Quem era?» E, logo muito lampeiro, volve o Zèzinho: — «Era o pai dos filhos do merceiro.»

ADIVINHAS PARA OS MENINOS COLORIREM

I

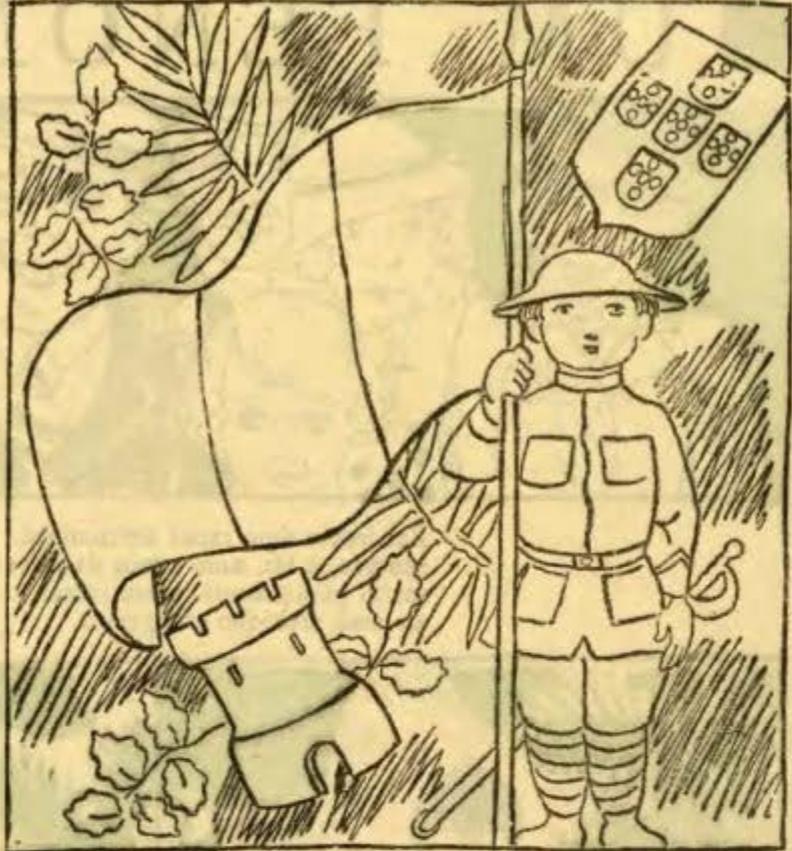
Qual a cousa, qual é ela,
que a si própria se envenena,
e que, se tem de escrever,
escreve sempre com pena?

II

Qual a cousa, qual é ela,
que semelha a luz dos astros,
que brilha como uma estrêla
mas anda sempre de rastros?

Solução das anteriores

- 1 — A letra P
- 2 — Portugal
- 3 — Ana Pereira
- 4 — O Livro
- 5 — Pim-Pam-Pum
- 6 — Nazaré



ADIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem o caçador e o cão que perseguem esta perdiz.

UM GRANDE EXEMPLO

(Continuação da pag. 5)

move-lo. Disse-lhe que nunca mais o acompanharia, que diria ao seu papá, mas tudo em vão. Joanico ergue novamente, o braço com a firme resolução de atirar a pedra ao desgraçado ceguinho. Então Zezinho, altivo e sereno, de um pulo, coloca-se em frente do infeliz velho, indefeso e doente, erguendo os braços, para que só caíssem sobre ele, as pedras que o amigo atirasse. Mas — (caso singular!) — Joanico, todo a tremer, deixára cair o braço como se estivesse quebrado, e a pedra tomba no chão, aos seus pés. De cabeça baixa, envergonhado de si próprio, chorava, agora, amargamente.

Milagre! Milagre!

Transformára-se aquele coraçõsito mau, com o heroico e sublime exemplo do Zezinho.

E enquanto, os dois abraçados, as suas lágrimas se confundiam, o velhinho, quasi cego, compreendendo tudo, abraçava os dois.

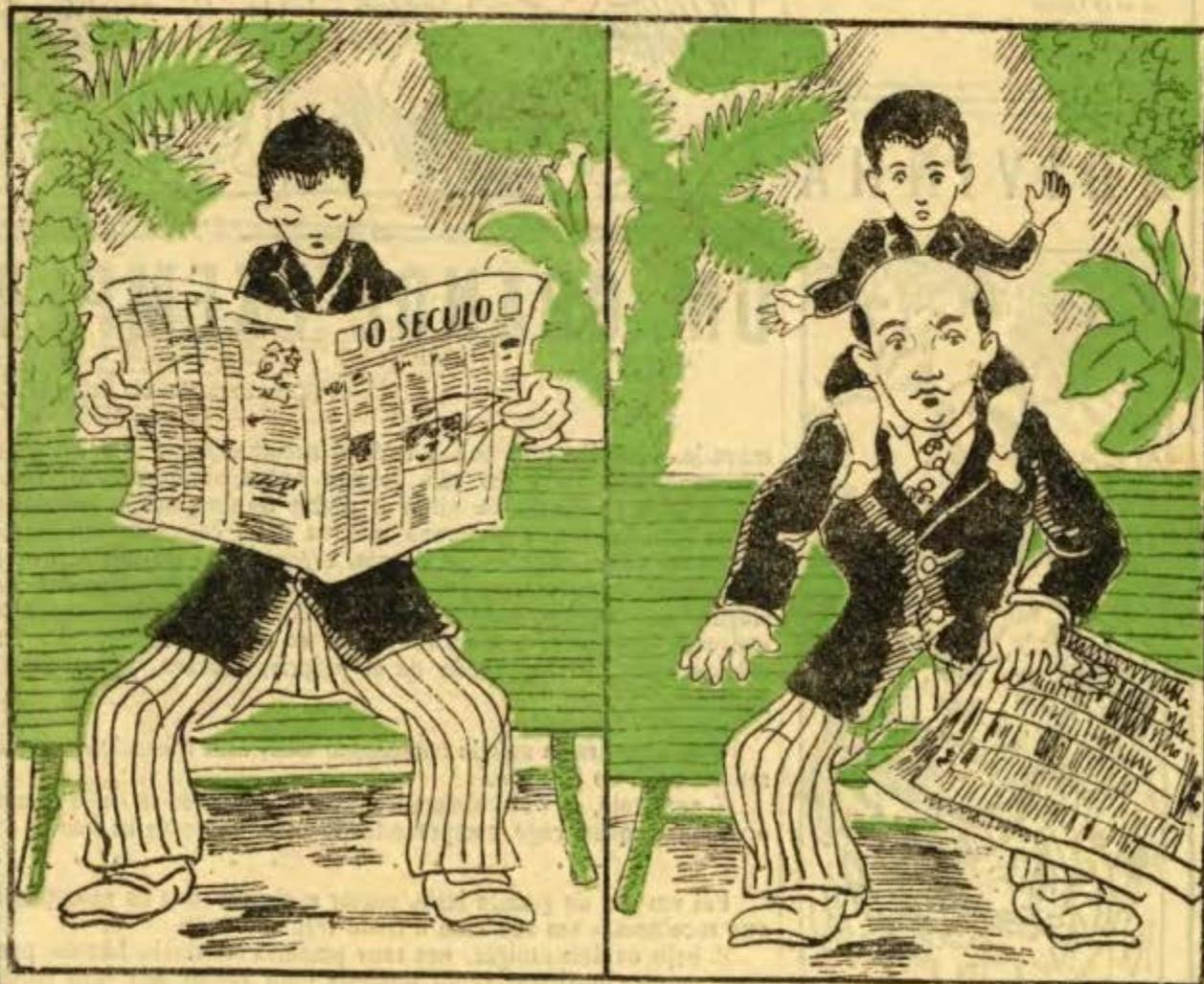
Foi um dia de grande festa, prazer e alegria para os seus papás que recolheram em sua casa o triste velhinho cego.

E hoje os dois amigos, nos seus passeios habituais, hão-de praticar sempre qualquer acção bondosa para contar aos seus papás que os ouvem enlevadamente.

UM FENÓMENO



Em frente dum rapaz descomunal, sentado, a lêr, num banco da Avenida, muito pacatamente, o seu jornal, eis uma multidão estarecida.



Soltando mil exclamações de espanto, a multidão, em côro, logo brada: — «Que fenómeno estranho!» No entretanto, todos desatam, rindo, à gargalhada.

E a explicação do caso, algo exquisito, eis evidente, sem mistério algum: A's cavalitas de seu pai, Zezito, ao mesmo tempo, lia o «Pim-Pam-Pum»!